



10º Simposio de Ensino de Graduação

ERA UMA VEZ: A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Autor(es)

CAMILA MOREIRA

Co-Autor(es)

CAMILA GOMES

Orientador(es)

AURORA PENNA JOLY MARIOTTI

1. Introdução

O presente artigo tem como temática a arte de contar histórias na educação infantil. O interesse pela escolha desse tema surgiu inicialmente de vivências como estagiárias na Educação Infantil do curso de Pedagogia, quando então, preparamos momentos de contação de histórias para crianças de 0 a 6 anos. Num segundo plano, travamos contato com essa forma tão bela de educar, como monitoras desse mesmo estágio. Nesse período, monitoramos as atividades de preparação para contação de histórias para as crianças. Através desses momentos vividos em tempo real, dentro e fora da sala de aula acompanhamos a relevância do acesso das crianças a Literatura Infantil, a partir do interesse apresentado e das manifestações na roda da conversa. A partir destas experiências, buscou-se neste artigo contribuir para a reflexão sobre a arte de contar história no espaço da Educação Infantil a partir das seguintes hipóteses: Por que contar histórias, como contar histórias e o que contar para crianças.

2. Objetivos

Contribuir para a reflexão sobre a arte de contar história no espaço da educação infantil.

3. Desenvolvimento

Um ambiente de escolas de Educação Infantil que proporcione o acesso da criança a histórias, busca a formação integral do indivíduo desde a primeira infância. A fantasia e a magia de uma história encantam e despertam a imaginação e com isso, cria-se as condições favoráveis para o desenvolvimento de uma mente criativa. Para o desempenho de atividades com esses objetivos, deve ocorrer um planejamento prévio, pois trata-se de um momento onde que a criança poderá absorver algo que venha a identificar-se com ela naquele instante. Demonstrando coerência no que se refere ao acesso a muitas e diferenciadas histórias, no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) é salientada a relevante necessidade das crianças se apropriarem das diferentes linguagens, dentro do espaço de seu desenvolvimento, a fim de lhes proporcionar verdadeiras experiências significativas ainda na primeira infância. A construção da identidade e da autonomia deve se dar a partir de momentos prazerosos e lúdicos, respeitando sempre a realidade e o interesse das crianças. Pertinente as considerações acima, a contação de história é recurso pedagógico lúdico, que pode enriquecer as experiências infantis, ampliando o vocabulário, contribuindo para a formação da personalidade e proporcionando à ela

viver o imaginário. Além do mais, quando as crianças contam ou escutam uma história, também suscitam o imaginário, tem a curiosidade respondida em relação a muitas perguntas e encontram novas idéias para solucionar questões (como os personagens fizeram...). Essa aproximação com as crianças permite que o professor, através das manifestações delas, enquanto ouvem ou contam uma história, possa conhecê-las e compreendê-las melhor (ABRAMOVICH, 1997). Corroborando com Abramovich (1997), Tonuci (1997) é remissivo a relevância de se contar histórias, mas também destaca a pujante presença dos livros infantis no cotidiano de muitas crianças. Nos dias contemporâneos, os livros infantis estão nos lares e nas escolas substituindo por vezes o ato de contar histórias. Perde-se com isso algo único, uma sintonia que só se dá quando invadimos o mundo um do outro. O espanto do inusitado, a criatividade do inventado, perdeu espaço. Certo é que os colinhos quentes perduram, agora com páginas coloridas que fazem companhia e agradam. Existe sempre um livro que encantará a criança, acalentando e dando segurança, ela sabe que ali também há um amigo que a faz fantasiar e imaginar mil e uma aventuras. Neste contexto uma pergunta é pertinente: qual o melhor caminho a seguir, ler ou contar histórias? De acordo com Barcellos (1995) ambas as situações são muito importantes e válidas para estimular a criança para o prazer de ler, pois pode proporcionar momentos agradáveis e de grande cumplicidade com o seu contador de histórias e com os livros em geral. Contar história às crianças dá mais liberdade a quem o faz, porque pode-se modificar o enredo da história consoante a reação de quem a ouve, sem no entanto, a alterar. Além do mais é através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica...É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (ABRAMOVICH, 1995, p.17). As considerações acima demonstram a relevância de usar a contação de histórias como atividades pedagógicas na educação infantil. Diante destes pressupostos, a questão é: Qual o papel do professor como mediador das histórias na educação infantil? Neste contexto fazer uma análise reflexiva em relação a quais histórias contar e como estas estão sendo preparadas pelo professor mediador é essencial. Dependendo da escolha e da atuação, pode gerar aos alunos uma aversão as histórias e a falta do gosto pela leitura. Assim, de acordo com Abramovich (1995) a escolha da história deve ter alguns princípios básicos que possam garantir a eficiência do trabalho pedagógico. São eles: a qualidade de criação. Saber fazer uso da expressão corporal, ter ritmo, fazer uso do gestual e principalmente a entonação da voz. Essa estrutura, quando bem feita, faz com que naquele momento a criança fique envolvida pelo encantamento e pela fantasia, despertando-a o interesse. O contato da criança com a história leva a mesma, a conhecer novas palavras, discutir valores, usar a imaginação, tornando-os criativos e capazes de pensar. Este tipo de atividade deve ser uma atividade de rotina, pois o escutar histórias desenvolve naturalmente um interesse cada vez maior em aprender determinadas histórias e reproduzi-las oralmente. Abramovich (1995) que se refere à importância das histórias, também esclarece a relevância do livro ser lido pelo professor antes de apresentá-lo às crianças. Criar uma atmosfera de envolvimento e encantamento também é um ponto fundamental para propiciar o clima a ser compartilhado entre professora e crianças. Neste contexto, a hora da história deve ser uma atividade permanente em sala de aula, visto o que podemos alcançar quando temos os objetivos claros. A hora da história deve acontecer coletivamente ou em pequenos grupos, quando o professor for solicitado para isso. No que se refere a escolha dos livros para leitura, deve ser criteriosa, verificar conteúdo, os valores que são passados, bem como as ilustrações que o acompanham, e principalmente gostar do que se vai ler para as crianças. Abramovich (1995) diz ainda que é muito importante que a história desperte alguma coisa em quem vai contá-la: ou porque ela é bonita e alegre, ou porque tem uma boa trama, ou porque dá margem para explorar um assunto ou por que acalma uma aflição. Assim como Abramovich (1995), Tonuci (1997) ressalta que o olhar da criança sobre a história deve ser valorizado pelo professor. Este olhar não deve ser interpretado como equivocado. Além do mais as crianças devem ter liberdade, caso não queiram ouvir a história. A obrigatoriedade corresponde à mesma situação de ler um livro de que não se gosta. Deve-se valorizar também quando alguma criança se propõe a contar uma história, afinal será de grande valia para ela, pois através disso desenvolve a criatividade, o senso crítico e torna-se capaz de tomar decisões.

4. Resultado e Discussão

Dada a relevância do trabalho de contar histórias na educação infantil, sete alunas estagiárias do quinto semestre de Pedagogia da UNIMEP, planejaram no estágio obrigatório de Educação Infantil, durante quatro horas semanais, dentre outras atividades, duas atuações voltadas a contação de história. As estagiárias optaram por contar duas fábulas: “A cigarra e a Formiga” e “Baby, o Elefante”. Escolheram estas histórias devido aos enredos conterem um conteúdo moral a ser inferido das ações dos personagens e isso colabora para a construção do senso moral e da cidadania em nossas crianças. Além do mais, Abramovich (1991) reitera que a importância da contação de histórias está ligada ao compartilhamento de conhecimentos e a construção do mesmo. Neste contexto a história é uma narrativa que se baseia num tipo de discurso pautado no imaginário de uma cultura, no repertório de mitos que uma sociedade produz. Quando estas narrativas são lidas ou contadas por um adulto para uma criança, abre-se uma oportunidade para que esta cultura, tão relevante para a construção de sua identidade social e cultural, possam ser apresentada a ela. A história também abre espaço para a recreação, a alegria e o prazer de ler (quando a criança aprende a gostar de ouvir histórias contadas ou lidas, ela adquire o impulso inicial que a atrairá para a leitura), compreender, interpretar a si próprio e à realidade e auxiliam, muitas vezes, a tratar conflitos emocionais próprios. Neste contexto, as contações de histórias feitas pelas estudantes de Pedagogia, foram organizadas em duas atuações e também foram trabalhadas com todas as faixas etárias que contemplam a Educação Infantil, pois ouvir histórias permite que todas as crianças desenvolvam e ampliem suas habilidades. Barcellos e Neves (1995) destacam algumas delas: a criança que ouve histórias com frequência educa sua atenção, desenvolve a linguagem oral e escrita, amplia seu vocabulário e principalmente aprende a procurar, nos livros, novas histórias para o seu entretenimento. Ao enriquecer o vocabulário infantil, amplia seu mundo de

idéias e conhecimentos e desenvolve a linguagem e o pensamento. As histórias cultivam também a sensibilidade, e isso significa educar o espírito, bem como podem facilitar a adaptação da criança ao meio ambiente, pela incorporação de valores sociais e morais que ela capta de seus personagens. Este tipo de reflexão e considerações se fizeram presentes em meio as estagiárias de Pedagogia por meio de histórias planejadas e adequadas as crianças, além de ser contadas com auxílio da entonação da voz, a expressão facial da narradora, fantoches elaborados pelas próprias estudantes de Pedagogia e um violão que despertou nas crianças a música e o movimento, construindo situações de interação com as crianças e estimuladoras para a aprendizagem. A relevância deste momento é visto no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998) que destaca que o professor deve procurar assegurar às crianças o acesso a histórias, agindo como elemento facilitador e incentivador da criança pela histórias, a medida que passa a ser uma expectadora das leituras, que podem ser reproduzidas e recriadas posteriormente por elas mesmas. Realidade e fantasia fazem parte do universo infantil e propiciar momentos em que as crianças os vivenciem dentro da escola é papel do educador. Este documento destaca ainda a relevância para a adequação entre a idade da criança e a faixa etária adequada para a história. É válido considerar também os temas que interessam mais aos pequenos futuros leitores e ouvintes. Outro aspecto fundamental é apresentar às crianças narrativas simples, porém ricas, afinal os textos precisam ter vocabulário acessível, mas não podem subestimar a criança. Embora possa ser menor, a narrativa tem uma riqueza na construção da linguagem, até porque as crianças dessa idade estão em processo de desenvolvimento da oralidade e precisam ter boas referências. A contação de histórias é importante para a criança, pois é através dela que pode-se criar identidade. Precisam desse meio de comunicação para entrar em contato com a própria existência e com a dos demais colegas, afinal ao continuar a famosa frase “era uma vez...” todas entram em um mundo de mágico de alegria e criação.

5. Considerações Finais

De acordo com Abramovich (1989) é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias, e escutá-las é o início da aprendizagem para tornar-se um leitor. Isso significa ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo. Mas para isso o professor de educação infantil deve ter consciência dessa relevância, conhecendo o porquê, como e o que contar para a criança. Este deve também assegurá-la o contato com a contação de histórias, para que esta se desenvolva e também tome gosto por esta prática. A criança por sua vez tem características próprias que numa situação de contação de histórias, se destacam em meio a “olhares” e opiniões que se manifestam em meio a indagações espontâneas ou dirigidas as crianças. Neste contexto, esta torna-se sujeito da própria vida e constrói seu próprio conhecimento. Conclui-se que o professor de educação infantil precisa estar consciente que a história é importante, assim como o seu papel em contá-la, dessa forma é necessário buscar conhecimento e se preparar para que a história chegue da melhor forma para a criança, por isso o professor deve estar preparado e buscar segurança que é adquirida na certeza que se conhece a história.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices. São Paulo: Sipione, 1989. BARCELLOS, Gládes Maria Ferrão; NEVES, Iara Conceição. A Hora do Conto: da fantasia ao prazer de ler. Porto Alegre: Sagra- DC Luzzatto, 1995. BRASIL. Ministério da Educação e do desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional pra Educação Infantil, volumes 2 e 3. Brasília: MEC/ SEF, 1998. OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). Encontros e Encantamentos na Educação Infantil: partilhando experiências de estágio. Campinas: Papyrus, 2000. SPRITZER, Mirna. A Formação do ator: um diálogo de ações. Porto Alegre; Mediação, 2010. TONUCCI, Francesco. Com olhos de criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997